

R U S S I A N



Acoustic



## FICHA TÉCNICA

RUSSÔ, voz e vocal, PAULÃO, percussão

AVISO - Zé Neto , violão, sintetizador, RX 11, vocal

5:00 - Mazinho Ventura, baixo

DEVASTAÇÃO - Zé Neto , violão, craviola, Takamine midi, RX 11

4:20 Mazinho Ventura, baixo

APERREIO NO RUSH - Zé Neto , violão, vocal, sintetizador

4:20 - Mazinho Ventura, baixo, RX 11

BAIÃO DO ASFALTO - Zé Neto , violão, craviola

3:10 - Mazinho Ventura, baixo

CANÇÃO DA SERRA - Zé Neto , violão, craviola

3:00 - Mazinho Ventura, Takamine midi

VALSA MATUTA - Zé Neto , violão, RX 11

2:55 - Marcelo Martins, flauta transversa

Mazinho Ventura, baixo

ABOIO - Zé Neto , violão, craviola, baixo, Takamine midi, vocal

6:05 Claudia

HAJA PACIÊNCIA - Zé Neto , violão, RX 11

4:10 - Marcelo Martins, sax alto

Mazinho Ventura, baixo

REPENTE - Zé Neto , craviola, sintetizador

4:32 - Mazinho Ventura, baixo, RX 11

FORRÓ DE ARCOVERDE - Zé Neto , craviola, sintetizador

4:20 - Mazinho Ventura, baixo, RX 11

COCO FORTE - Zé Neto , craviola

3:30 - Serginho, Takamine aço

Mazinho Ventura, baixo

CONTEMPLAÇÃO - Zé Neto , craviola

4:25 - Guilherme Bedran, Rabeca

Claudia, vocal

Produção: RUSSÔ

Edição independente gravada nos Estúdios TRILHA CERTA (Niterói)

Técnicos de gravação e mixagem: Zé Neto e Mazinho Ventura  
Cafezinhos - D. Jô - Agradecimentos a todos que ajudaram



José Roosevelt Dias (Russô) (021) 717-9463

Todos os Direitos Reservados ao Autor

Impresso no Brasil em 28 de julho de 1989

Revisão Geral - Antônio Carlos (Grego)

Creio que nesta primeira edição de minhas composições cabem adicionalmente algumas palavras sobre minha relação com a poesia e a música.

Devo ser breve, embora o assunto seja polêmico e, para começo de história, muitos artistas evitam em se envolverem com análises e discussões sobre linha de trabalho assumindo que o ato de compor é mágico e transcende o racional. Por isso, dirijo este texto mais àqueles em processo de formação de sua personalidade de compositor, em termos de não se violentarem aceitando simplesmente as regras do jogo. Afinal, um artista do terceiro mundo se vê, sendo do povo, na contingência de um reivindicar, uma vez que coisas absurdas estão bem às claras.

O direcionamento da música e da poesia é bastante amplo, e se estende em campos tais como musicoterapia, meditação música ambiente, música experimental eletrônica ou na "sinfonia do coração" de um ecocardiograma, etc...

Mas basicamente o artista quer se integrar ao mundo (ao exercer a arte) e se sentir menos vulnerável pois normalmente, devido à sensibilidade nata, às suas "antenas" se vê numa tábua rasa em meio a um oceano em tempestade. Isto não combina com a personalidade de um ditador por exemplo.

O ato de sentir, de captar o sutil é distante na sua essência do de massacrar, explorar...

Assim, é prática de pessoas que desenvolvem atividades mais "secas" ou de mais "status" abafarem seu lado artístico.

Por outro lado, quando o artista expressa sua crítica ao poder (político, econômico, social, etc...) crê ter chances de atingir a parte sensível daquele ou daquela classe que momentaneamente imponha condições de subvida a outrem.

O homem, em sua condição básica, usa a complexa mente para sua sobrevivência: ele pesca, caça, pensa e organiza, ama e reproduz sem que disto resulte uma personalidade de predador. Tal é o estado por exemplo do índio brasileiro que vivenciou

um estado de auto-suficiência e uma relação com a natureza que nenhum país dito civilizado jamais conheceu: alimento, terra moradia, educação e saúde e além disso não ter de exportar ou importar por dispor do importante para viver, tendo sua arte e um bom-senso incriveis de dar um basta aos anseios de acumular, possuir...

A tecnologia, o dinheiro a doutrinação, a violência e o preconceito permitem que alguns se sintam num estado de poder absoluto, como se fossem deuses no que concerne a decidir até mesmo se homens ou raças devem existir.

Ao se expressar poética e musicalmente o artista pode ser solidário aos que estão submetidos ao sofrimento em troca de nada. Vê-se escandalizado frente a esta forma imposta por um ser da mesma galáxia e mesma espécie, um "semelhante" seu.

A seleção destas composições (ou captações como dizem alguns) apresenta de modo simples mas direto a alegria de um forró (forró de Arcoverde), a indignação frente aos predadores (aviso, devastação, valsa matuta), aos que mantêm desigualdades sociais aberrantes (haja paciência), ao desconforto injustificável das metrópoles (aperreio no "rush", baião do asfalto) e a importância de sermos ouvidos (repente), uma homenagem em métrica livre aos cantadores nordestinos que cantavam seus pensamentos e fatos, sendo os precursores dos meios de comunicação em sua região.

Russô (José Roosevelt Dias)

Conheço há muito o trabalho de Russô. Trata-se de um artista para quem a estética se encontra inteiramente subordinada à sinceridade.

Linha melódica fluente e natural aliada à uma poética despojada e crua, sem artifícios, o canto de Russô tanto pode adquirir uma feição cáustica, fruto de um telurismo inquebrantável, quanto uma outra, mais contemplativa, embora nunca resignada. É que o Russô vem de uma região pobre e sofrida, castigada pela inclemência do sol e principalmente pela ambição desenfreada de certos, digamos, "seres humanos". No Nordeste ele plantou suas primeiras raízes, após, viajou, tendo a oportunidade de conhecer em terras de França o movimento da "Chanson Poétique" ou seja, a retomada da poesia cantada dos antigos provençais revestida de contemporaneidade. Hoje, em seu país, professor universitário e poeta-cantor de uma lealdade admirável para com a sua (nossa) gente, Russô, que bebeu da mesma fonte em que beberam Elomar, Sérgio Ricardo, Brassens, Moustaki, sendo assim nacional e universal, nos brinda com uma obra madura e emocionada, onde a caatinga e o asfalto, libertos de sua dimensão temporal e espacial, se confundem num sonho apenas adivinhado (imaginação?).

Com a palavra o poeta:

Eu levaria minha vida no riacho  
Nesta serra com seus verdes, sua lua seu luar  
Mas a viola me fez este peregrino  
E assim desde menino, sou eterno caminhar

Que coisa linda, companheiro! Acredite: na correnteza deste riacho vão contigo todos os nossos anseios de um mundo mais justo e solidário, perdido, quem sabe, em algum barquinho de papel urdido pela criança que um dia fomos e que decerto, há de estar nos esperando ao termo do percurso! Coragem, Russô!

Se o número é infinito, a palavra no poema a própria alma revela! E uma palavra com alma vale mais que um número cifrado.

Afinal, o que nos fascina em matemática não é a noção do desmedido?

Mário das Neves



A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono.

A poesia revela este mundo, cria outro... - afirmou Otávio Paz. E assim, é o universo poético de Russô, alimentado pela magia de resgatar o homem, a infância, o éros, a mulher, a natureza e o sentimento Nordestino.

A sua poesia é um mosaico de terras permeado de luzes e sombras, cores e sons engendrando cantos de angústias e de silêncios numa procura de trilhas de esperanças:

“procure na cidade um recanto amigo”, o “povo vai vivendo como irmão desvendando os segredos do universo”.

O seu eu-lírico perpassa em todas as suas poesias o conhecimento do seu mundo na tentativa de ordenar o caos. Instaura a poesia como a própria vida.

Mergulhando no universo de cores e sons de Russô percebemos todo o vigor, toda a intensidade, toda a força de vida que se faz presente através de sua poesia. Ela converte a pedra, a palavra, a cor, o som em imagens - imagens, criação da própria linguagem. A sua poesia é confirmação, libertação.

“E aí o poeta ergue a voz e ensaia de novo, trazer nova luz para despertar o povo, que hoje na Terra é o rebanho maior”.

“Eu levaria minha vida no riacho  
Nesta serra com seus verdes, sua lua seu luar  
Mas a viola me fez este peregrino  
E assim desde menino sou eterno caminhar”

Maria Nazareth de Souza

O cantor exclui de si a aurora prenhe de armadilhas (confeccionada por alguns, os mais expertos). Esta aurora (falsa e de entulhos) não é a mesma (a de róseos dedos) da de Homero.

O cantor (compositor), cito Russô, indaga, uníssono com a solidão das grimpas do nordeste onde a lua e a lei perfazem a voz da pétala amada, onde lampião serve de pano de fundo para alguns incautos aventureiros. É, Russô, "a maldição continua".

Falemos do "Coco Forte", uma das grandes obras do mestre compositor e violeiro, Russô; o coco é uma dança popular de roda, originária de Alagoas, e acompanhada de canto e percussão.

Eis uma estrofe:

"Na Itália, uma irmã  
é chamada de Sorela  
tou mudando de assunto  
p'ra esquecer um pouco dela.  
A cabeça de um poeta  
só pode ter coisas belas  
mas às vezes ele se espanta  
Com os mistérios desta terra "

É Russô, o poeta destoa feito uma cor estranha no círculo de uma aquarela hipotética. Quanto aos "MIST-ÉRIOS", palavra grega, são muitos. Cabe a você desvendá-los, retirar o "fetiche" que alguns, por desventura, puseram nesta terra, nesta terra que Gagárin (ou Gullar) foi o primeiro a dizer: é azul! e já o sabíamos...

GREGO



O Russô me pediu três palavras...

Eu ia falar de poesia e do poeta, coisa que todos nós temos mania de fazer. Mas, na verdade, acho que seus versos falam por si mesmos.

Então, pensei em falar de Nordeste, de poeira, de mata, do Homem, do mundo. Mas aí me lembrei que Russô, mestre nisto, já fala destes temas nesta obra, sem precisar de tradutor. Daí resolvi falar do "Zé" (é assim que chamo o Russô).

O Zé é um nordestino criado no Rio e "morado" em Paris. É poeta: abstrato; e é matemático; concreto (concreto?).

Na realidade, ele é apenas mais um "maluco" que sonha... Que sonha com um mundo que poderia ser. É mais um ser humano. Um ser humano que grita e merece este nome.

O "Zé" está aí nesta obra, de peito aberto e sem timidez e está aí, travestido em Russô, pronto para a gente conhecer.

Eu sei que minha opinião é suspeita, mas mesmo assim, asseguro, sem medo de errar, que vale a pena fazê-lo.

aos 13 de junho de 1989

Mauro Oddo Nogueira

## Índice

### Lado A

Aviso.....	17	▶
Devastação.....	18	▶
Aperreio no Rush.....	21	▶
Baião do Asfalto.....	23	▶
Canção da Serra.....	25	▶
Valsa Matuta.....	27	▶

### Lado B

Aboio.....	29	▶
Haja Paciência.....	31	▶
Repente.....	32	▶
Forró de Arcoverde.....	34	▶
Coco Forte.....	36	▶
Contemplação.....	38	▶

## AVISO

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

## TEXTO

No início, não havia forma de vida sem predador  
para escapar a este destino algumas espécies evoluíram  
a Terra gerou seres cada vez mais complexos  
e assim, como num incêndio de combustão espontânea surgiu o  
homem

O "HOMO-SAPIENS", a forma de vida mais evoluída  
que a Terra jamais gerou antes de exaurir sua energia gasosa.

O "HOMO-SAPIENS": o predador-mor.

Em breve, o homem saberá como riscar do Universo  
o próprio planeta que lhe deu origem,  
pois já tem poder de destruir

toda forma de vida da superfície, com sua bomba de Nêutrons

O homem destrói uma floresta para extrair o papel  
onde mais tarde escreverá sobre a defesa do meio ambiente.

Sua inteligência não é suficiente para entender o Universo  
mas sua mente é cheia de conflitos, com a dualidade  
morte-vida, o tudo, o nada.

## LETRA DA MUSICA

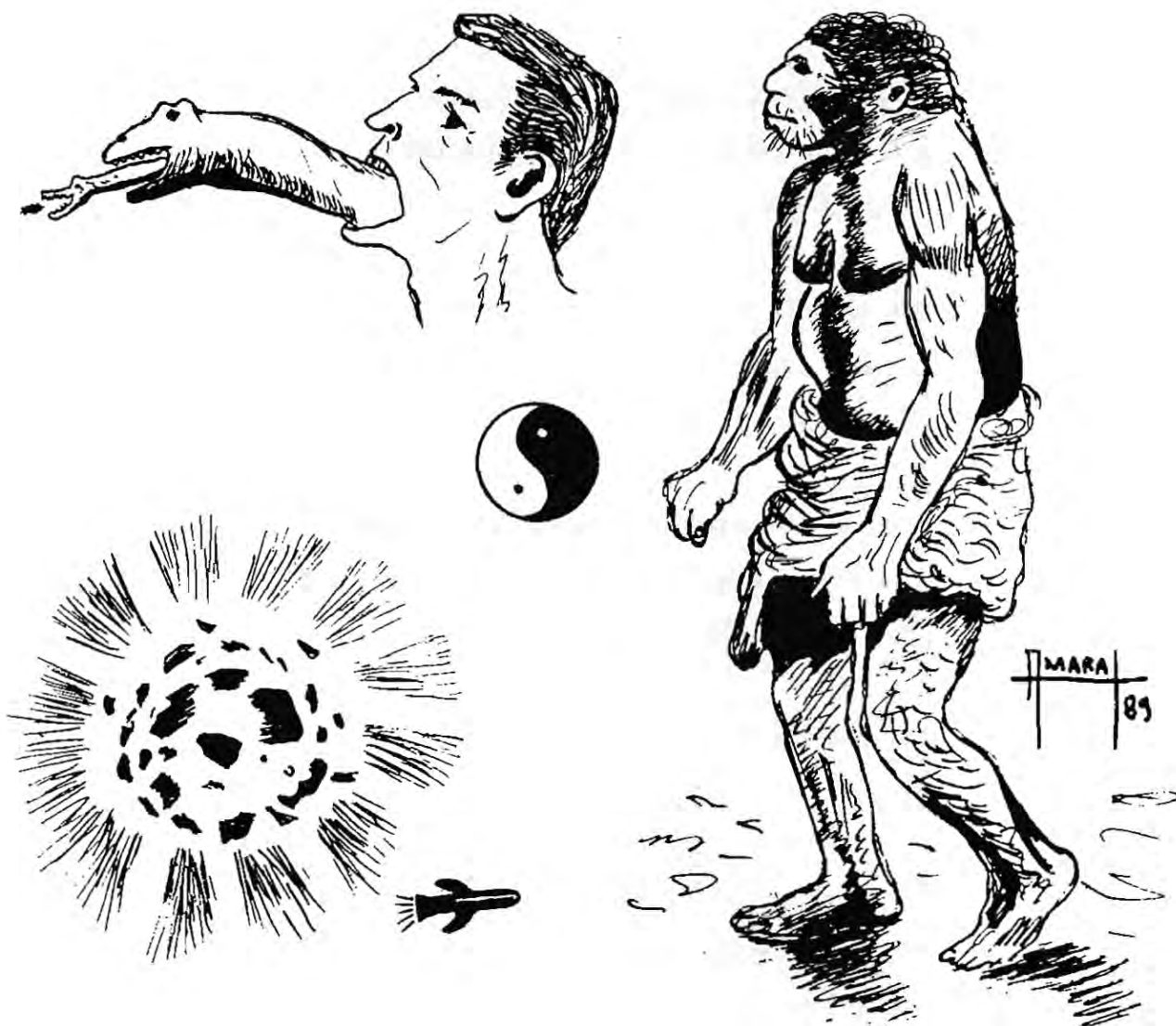
À mata se estarreceu, pois sabe que vai acabar  
Os carros, os edifícios, vão tomar o seu lugar  
O homem devora o homem, este é um fato singular  
Pois o resto dos outros seres, só mata para comer



Não há avanço do homem, que não sirva para matar  
E numa guerra de mais valia, ele próprio fenecerá  
Das areias do deserto, outros seres nascerão  
Amendo ao sabor dos ventos, sem o homem a trucidar

Morreram os dinossauros e o mistério não se esclareceu  
Apenas evitaram o que a baleia conheceu  
As viagens estelares, mostram nossa solidão  
Não há outra Galaxia que queira o homem como irmão

O homem está neste mundo, de um modo irracional  
E por isso é tirano, pois sabe que é mortal  
Deve haver outros seres, de vida mais natural  
Que não conhecem o conflito que existe entre o bem e o mal



## DEVASTAÇÃO

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

De férias viajas pra longe num sentido vazio  
O cansaço, o pulmão, a vida por um fio  
Procuras o ar puro e não sabes onde tem

Devastastes, pusestes asfalto e concreto empilhado  
O progresso levou à viver enjaulado  
Por cima de vales onde a "cerca" era a flor

Poluístes a água que a vida te foi concedendo  
Indústrias das cópias fazendo veneno  
Que pensas importante à todos vender

Nunca mais uma fruta sem troca tirada e comida  
Te vendem o que comes e o que chamas de vida  
É atar nossos pés e os seios da mulher

E aí o poeta ergue a voz e ensaia de novo  
Trazer nova luz para despertar o povo  
Que hoje na terra é o rebanho maior

Pois há homens que matam irmãos para impor o "conforto"  
O poder econômico nos deixa absortos  
Impede tornar nosso mundo para nos

Esta estrela que você ve brilhar não é só luz e devia saber  
ainda tem condição de explodir sua estória virá num quasar  
Muito antes do homem existir, esta terra era bela rapaz.  
Foi você quem traçou o equador, Hiroshima não vai lhe esquecer  
se você pensa que este céu azul, que você nada faz pra manter  
Esta aí só pra lhe proteger, veja bem não existe o seu céu



MARA 89





## APERREIO DO RUSH

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Vai virando uma cinza, como é fim de tarde  
Junto ao ar poluído, comprimido da cidade  
As buzinas pipocam, os faróis relampeiam  
E o apito do guarda coordenando o aperreio

(REFRÃO)

E na porta do Horto, um encontro de amor  
E na sua aorta, o enfarte o calor  
E na porta do Horto, dois olhinhos de amor  
O senhor está morto e o patrão não pagou

(REFRÃO)

E na porta do Horto, a essência da vida  
E você vai ao banco, é a fila é a corrida  
Dois engodos do homem, ou dois frutos sem cheiro  
É a pressa do tempo e o amor a dinheiro





## BAIÃO DO ASFALTO

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Todo mundo está errado, agasalhado no concreto  
Veja mais de perto o que outro viu  
Sente-se à mesa, tome um trago meu amigo  
Olhando um carro branco atropelar mais um

Vá em frente na cidade, te dizem todo dia  
Arranje mais dinheiro pra poder gastar  
Componha um guarda roupa, vá de carro pro mercado  
Arranje logo um gato se não tem com quem ficar

Horizonte na cidade é sala do vizinho  
Que vive dando festa pra poder viver  
O canto do canário, as flores lá do campo  
Vieram engaiolados ou nas fotos pra você

Procure na cidade um recanto amigo  
E logo saberás, todos sofrem como tu  
Respeite o cara ao lado que está desempregado  
Devendo mais dinheiro que a balança do Brasil



## CANÇÃO DA SERRA

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Eu levaria minha vida no riacho  
Nesta serra com seus verdes, sua lua seu luar  
Mas a viola, me fez este peregrino  
E assim desde menino, sou eterno caminhar

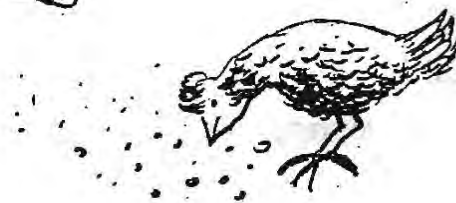
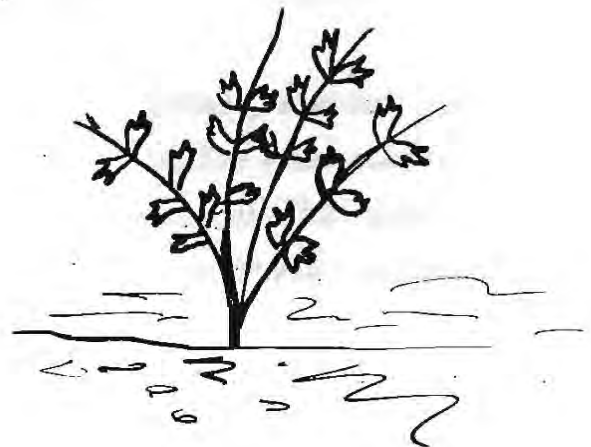
(REFRÃO)

No meu ponteio, sempre há da luta um pouco  
Vejo casas sem rebôco, sofrimento e solidão  
E o homem aflito, que recorre à cidade  
Como se a caridade, devolvesse o que perdeu

(REFRÃO)

Enquanto o homem, não trilhar a sua trilha  
E souber que este caminho ele mesmo deve abrir  
Ele e a vida, serão dupla pequenina  
Qual inseto e lamparina, a voar, voar, voar





MARA 89

## VALSA MATUTA

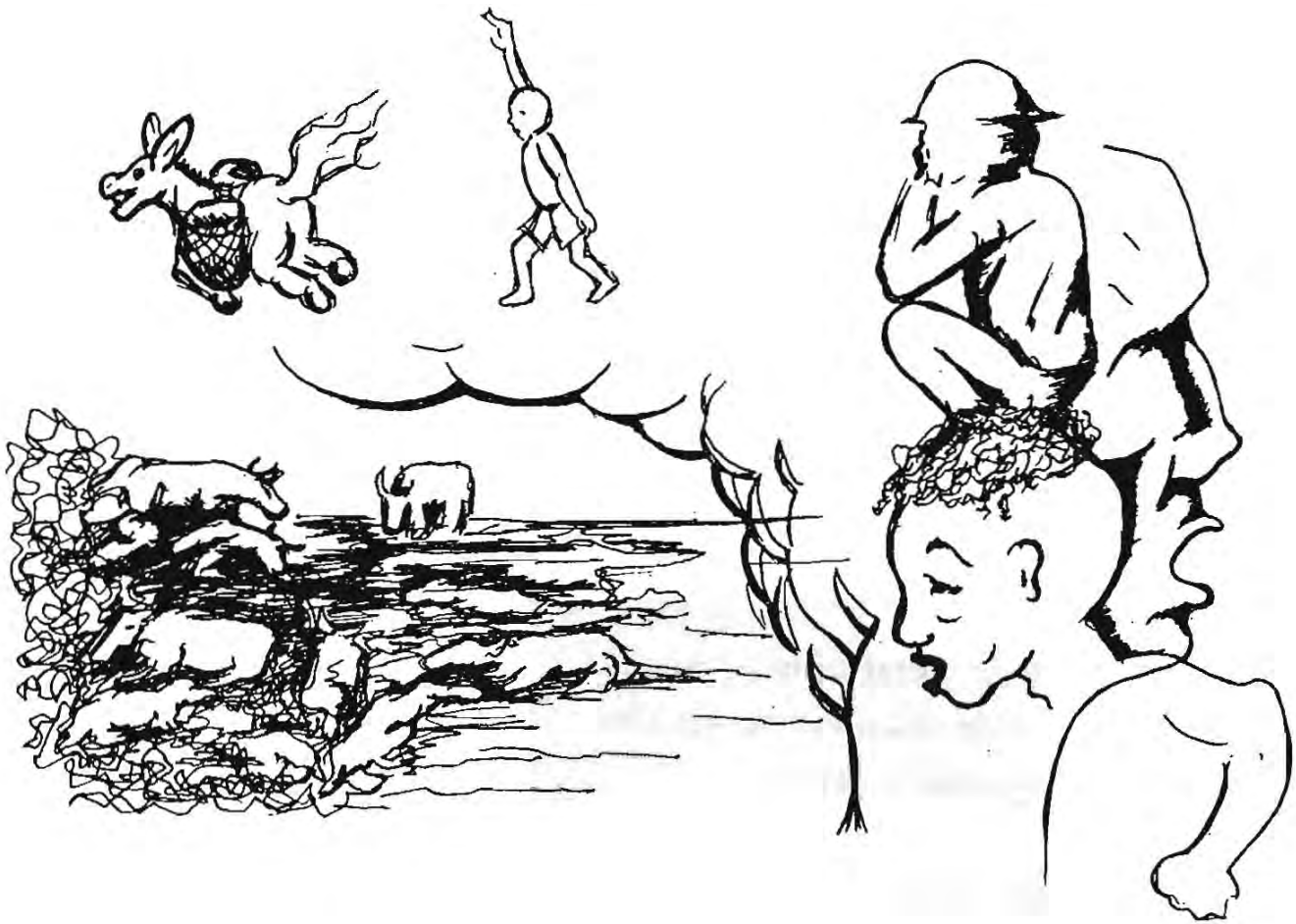
Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Ai, meu irmão  
A megera tardou mais chegou  
Que terror se alastrou no sertão  
É que o povo escutou o zumbido  
Das industrias arrasando o matão

Seu doutô, a coisa que mais gosto  
É do mato e os meninos no chão  
É da terra onde planto e me espalho  
É da lua dourando o sertão

Quanta gente doutô da cidade  
Tem saudade ao sair do sertão  
Que precisam da dona natura  
Pro veneno sair do pulmão

Seu doutô o que nois que é escola  
Pros meninos sabê onde estão  
Para usarem a cabeça direito  
Pra mentira sair do sertão



## ABOIO

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

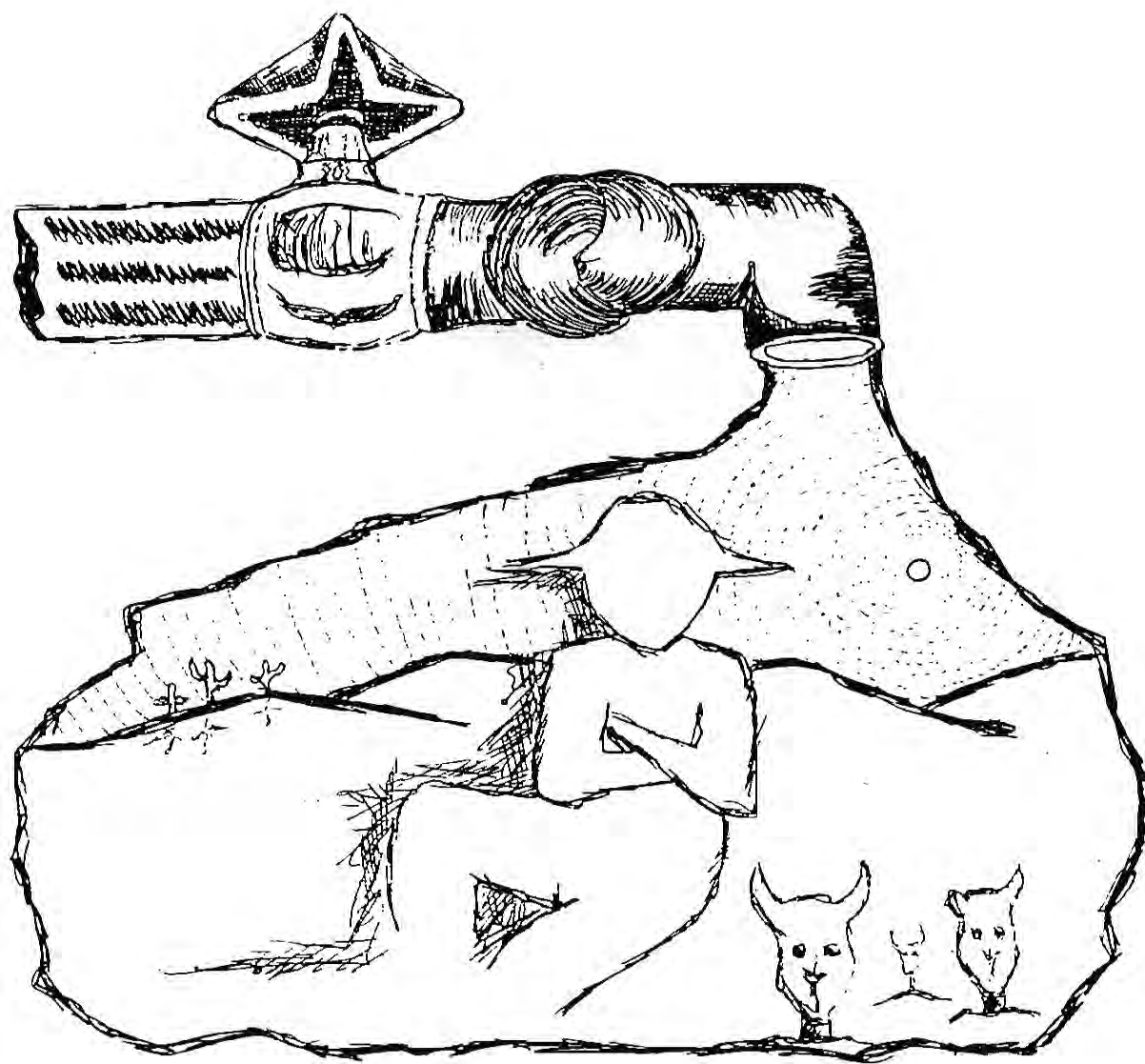
É no aboio que espanto a solidão  
Na mata seca, na poeira do sertão  
Canto pro gado sem esporas, sem ferrão  
Um canto morno, como um canto para um irmão

Inda menino vendo a chuva no sertão  
Ia às biqueiras de "short", de pé no chão  
Nas vaquejadas, o esporte da região  
Tinha heróis ligeiros que nem clarão  
Que no outro dia sem aplausos sem gibão  
Iam descalços pra feira ganhar o pão

'Fasta malhado que esta trilha é assombração (Repete)  
É trilha torta, foi o diabo quem fez com a mão (Repete)  
Foi nesta trilha que encontrei com Lampião (Repete)  
Vinha ferido, dizendo acode irmão (Repete)  
É guerra homem os cabras tem jeito não (Repete)  
Isto tá podre tem inté poluição (Repete)  
Aí seu moço eu lutei por Lampião (Repete)

Lutei por ele pra salvar o meu sertão  
Quantos matei, memória não diz mais não





## HAJA PACIÊNCIA

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

A espera é a virtude dessa gente do sertão  
Com toda razão

Pois espera por governo e pela chuva com trovão  
Só vem seca e ladrão  
Quando pensa ter a terra que plantou com seu carinho  
O coronel lhe rouba o ninho  
Se o tempo é de seca, em vez de carne tem o pó  
Em vez de água tem o sol

Mais se o tempo é de cheia, água lhe barra a estrada  
Não há ponte camarada  
No roldão das águas fortes não adianta barricada  
A lavoura é arrancada

No Nordeste quem tem pressa se aborrece e não faz nada  
Pois a vida está parada  
Os tiranos e a natureza destroem todo o trabalho  
Tiram pão e agasalho

NOTA: Dedico esta letra aos que lutam para que o Nordeste adquira pelo menos um nível de vida decente, portanto livre da miséria em que vive: políticos, artistas, professores, etc.

## REPENTE

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Pra você cavalgar o cavalo do céu você tem de aprender  
Se a vida é pesada, parada sem graça o motivo é você  
Na cabeça a preguiça, nos olhos a venda, não fala não vê  
Vai o mundo girando, mudando e andando e o meio é você

E você ignora um povo que chora um amor que morreu  
Que tudo que ocorre, melhore ou piore se fala de Deus  
Você canta em versos este mar que atravesso sem ser um Judeu  
Uma raça parida num beijo curtido com fé sem adeus

Pra juntar o que é junto, amar o amor não precisa viver  
É com ferro quente que a gente fabrica a espada e o colar  
A História é um livro sem início ou volume, sem capa nem cor  
Vivida e curtida que se movimenta numa soma de amor  
Mas o homem só imita analisa e discute os tiranos da dor  
Se você vê um mito os anos a fio ficar e vencer  
Lembre do mosquito que o vento navega e o alimento é você

Tanto homem escreve e às vezes esmorece de tentar falar  
Mas os "Doutos das Letras" repetem o antigo com medo de errar  
Penetrar em um mundo que o outro abriu quer nos choque ou não  
É tarefa primeira que os homens dos mitos deviam fazer  
E aqui com um ponto pretendo ser simples e os versos parar  
Escrever sobre tudo, o sol mar e muro impossível fazer

Vamos nós neste repente, de viola ensarilhada  
Dizendo nossa amizade das coisas que o homem mata  
Se o homem tem coração, viola é faca afiada  
Desperta nêle a saudade, soluços de sua amada  
Vendo a chuva no sertão, verdear a mata inteira  
Vi que a tristeza no fundo não passa de uma poeira

O filho do Zé Vaqueiro, saiu alta madrugada  
Foi-se embora pelo mundo, com a morte e mais nada  
No braseiro, na fomalha o sertão me viu nascer  
Pego touro pelo rabo e não sei o que é temer  
Nas enchentes corto rios, vejo casa afundar  
Minha vida é um desafio, tem mais histórias que o mar  
Onde estão os meus amores este sol vai me mostrar  
O trabalho com o gado me dá força pra cantar  
E aqui com um ponto, pretendo ser simples e os versos parar  
Escrever sobre tudo, o sol, mar e muro, impossível fazer





## FORRO DE ARCOVERDE

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Ainda me lembro dos forros lá do Nordeste  
Onde eu dançava aparradinho arrasta pé  
Eu apeava do cavalo e entrava  
Tal um tarado procurando por mulher

Na escuridão que o lampeão oferecia  
Eu beliscava todas bundas do salão  
Eu era agil e ninguém me descobria  
Outros pagavam pela minha confusão

Eu fui cheirando os suvacos das mulatas  
Que se banhavam nas cacimbas do sertão  
Fui aprendendo a domar moça tal garrote  
Esporeando cada vez um coração

Até que um dia fui dançar com uma morena  
Cai por ela e saímos do padrão  
em vez de beijo dei-lhe um cheiro no cangote  
A coisa pega e saímos do salão

O pai bela me pegou junto com ela  
Com a berimbela já crescida em sua mão  
E disse moço tu tens de casar com ela  
e me aplicou a forte lei lá do sertão

Pra compensar eu disse que gostava dela  
Eu disse ter um grande dote em ouro em pó  
Ter várias casas com três quartos e dez janelas  
Eu que só tinha minha roupa e um urinol

Por isso mesmo ela me deu os dozes filhos  
Vivo apertado e não tenho bangalô  
Ela é esqueleto que só olha prus bruguelos  
E isso é tudo que restou do nosso amor.



## COCO FORTE

Autor: Russô (José Roosevelt Dias)

Ponho fôlça neste coco  
Para encher minha gamela,  
Você faz o nosso almoço  
E depois lava a panela,  
Mas depois eu faço amor,  
Dou-lhe um abraço na titela

A morena que eu gosto  
Tem mesmo côr de canela,  
Eu trabalho prá ser livre  
E cair nos braços dela  
Que a rosa quando cheira,  
Tem espinhos mais é bela

Uma coisa que me engasga  
é que há o noivo dela,  
Cada vez que ouço um tiro  
Penso nêle na capela,  
Não consigo imaginar  
O cabra nos braços dela,  
Aí pego na viola  
Pra ficar mais perto dela



Na Italia uma irmã  
É chamada de sorela,  
Tou mudando de assunto  
Prá esquecer um pouco dela  
A cabeça de um poeta  
Só pode ter coisas belas  
Mais às vezes ele se espanta  
Com os mistérios desta terra

Há os magros, há os gordos  
Há os feios, há os belos  
Se um pobre quer dinheiro  
Vai parar no cemitério  
Se trocar ricos e pobres  
Vai ficar um lero-lero,  
Pedro é Paulo, Paulo é Pedro  
Só Oto fica o que era,  
Com a casa de varanda  
E com mais de mil janelas  
E aqui vou terminando  
Mando um abraço pra platéia





## CONTEMPLAÇÃO (tempo de espera)

Autor: RUSSÔ (JOSÉ ROOSEVELT DIAS)

No sertão  
Às vezes a tristeza devora  
E a alma se descola  
Percorrendo a imensidão  
Do sertão

No sertão  
Das cinco pras seis do dia  
A terra um pouco mais fria  
Traz para nós a solidão  
Do sertão

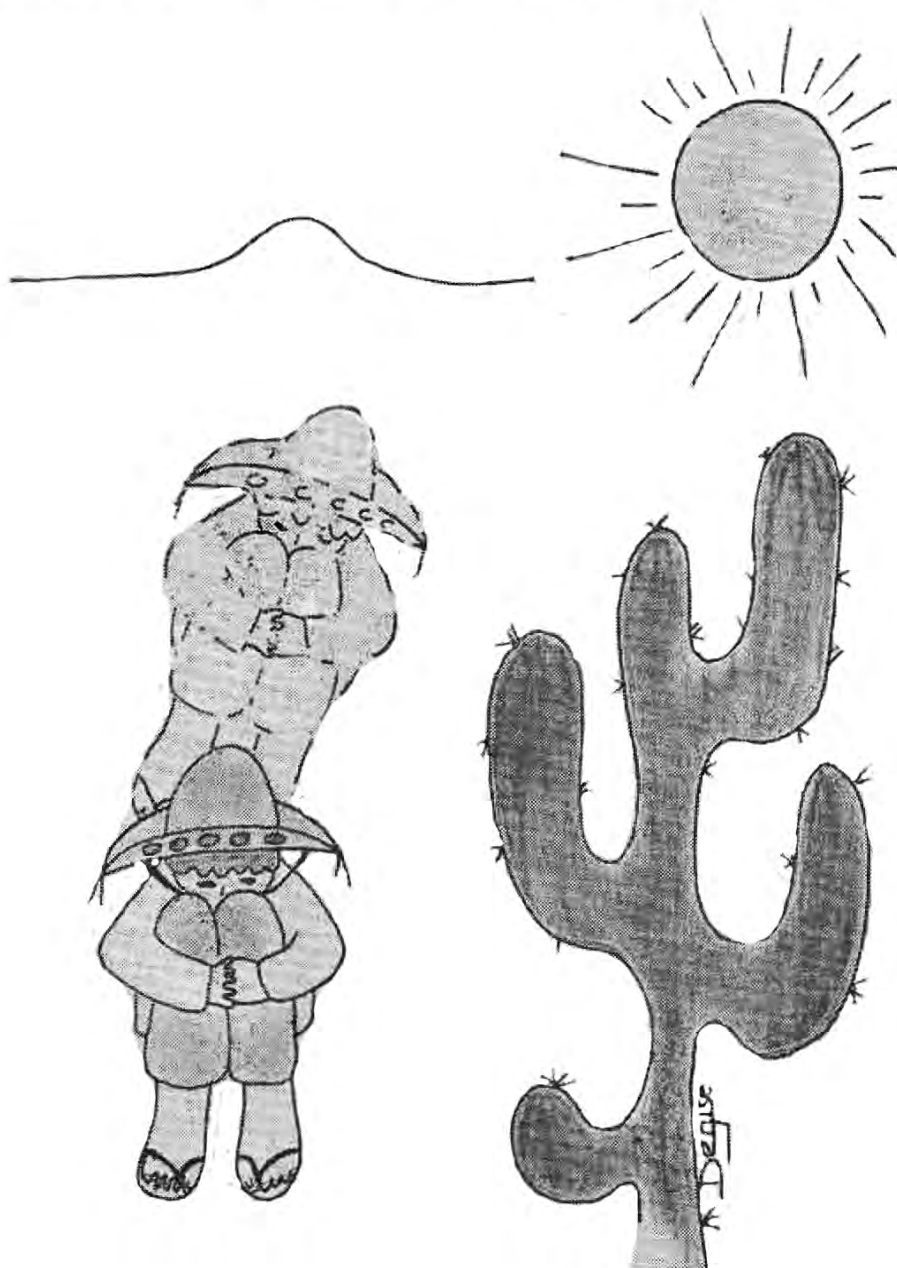
No sertão  
Se sabe que a mente é cheia  
Se sabe que a coisa é feia  
Se pensar, lá no sertão  
No sertão

No sertão  
As aves fazem colcheias  
As trevas com lendas chegam  
E pedem imaginação  
No sertão

O horizonte  
Tem o verde lá da serra  
E o vapor que dela sobe  
É a aura do sertão

A pensar,  
Ó homem recobra a calma  
Enquanto medita e fala  
Dos deuses que nunca viu

Dedico esta letra a meu pai, numa homenagem póstuma (1919 - 1989)



Diagramação e Arte – Almir Miranda e Johnson  
Produção Gráfica – Wziel Ramos